

O GATO PRETO

EDGAR ALLAN POE



No que diz respeito à narrativa mais que extravagante, porém doméstica, cujas linhas começo a traçar, não espero nem suplico a crença de ninguém. De fato, seria louco se esperasse algum crédito num caso em que os meus próprios sentidos rejeitam o que testemunharam. E, entretanto, não sou louco – nem certamente estou sonhando. Mas...



ilustrações OSWALDO GOELDI
tradução BERNARDO CARVALHO

... devo morrer amanhã e hoje desafogo a minha alma. Meu intuito imediato é expor ao mundo, sem rodeios, de forma sucinta e livre de julgamentos, uma série de eventos simples e familiares. Por suas conseqüências, esses eventos me aterrorizaram, me torturaram, me destruíram. Todavia, não tentarei explicá-los. A mim só causaram horror – a muitos parecerão mais *barrocos* do que terríveis. Talvez, no futuro, haverá algum intelecto capaz de reduzir o meu fantasma ao lugar-comum – uma mente mais serena, mais lógica e bem menos suscetível do que a minha, que não perceberá, nas circunstâncias que em seguida relato em pormenores e com temor, nada além de uma sucessão normal de causas e efeitos muito naturais.

Desde a mais tenra infância, destaquei-me pelo temperamento dócil e humano. A ternura do meu coração era tão conspícua que fazia de mim objeto da zombaria dos colegas. Tinha uma devoção especial pelos animais, e meus pais me presenteavam com uma grande variedade de bichos de estimação. Passava a maior parte do tempo na companhia destes, e nada me dava mais felicidade do que alimentá-los e acariciá-los. Essa peculiaridade de caráter cresceu comigo e, na idade adulta, tornou-se uma de minhas principais fontes de prazer. Aos que acalentaram afeto por um cão fiel e sagaz, nem preciso explicar a natureza ou a intensidade da gratificação que daí se tira. Há algo na dedicação e no amor desinteressado do animal que atinge em cheio o coração daquele que teve oportunidade

de testar com frequência a reles amizade e a fidelidade muito tênue de um mero *Homem*.

Casei-me cedo e tive a felicidade de encontrar na minha mulher uma índole que não era incompatível com a minha. Observando o meu pendor pelos animais domésticos, ela não perdeu nenhuma chance de obter bichos de estimação das espécies mais agradáveis. Tínhamos pássaros, peixinhos dourados, um belo cão, coelhos, um mico e um *gato*.

Este último era um animal bonito, extraordinariamente grande, todo preto e de uma sagacidade surpreendente. Falando de sua inteligência, minha mulher, que no fundo não era pouco impregnada de superstição, fazia alusões frequentes à velha crença popular segundo a qual todo gato preto é uma bruxa disfarçada. Não que



ACHEI QUE O GATO ME EVITAVA...

ela falasse *a sério* em relação a isso — e só trago o assunto à baila por ter-me ocorrido justo agora.

Pluto — o nome do gato — era o meu bicho favorito e meu companheiro. Só eu lhe dava de comer, e ele me acompanhava aonde quer que eu fosse dentro de casa. Chegava a ser difícil impedi-lo de me seguir quando eu saía.

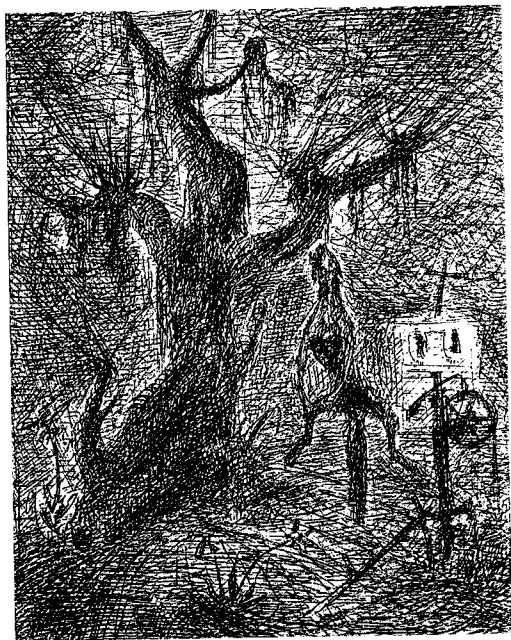
Assim durou a nossa amizade, por muitos anos, ao longo dos quais o conjunto do meu temperamento e do meu caráter sofreu — por obra do Demônio da Intemperança, envergonho-me de confessá-lo — uma alteração radical para pior. Tornei-me, dia após dia, mais mal-humorado, mais irascível, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Dei por mim usando de linguagem destemperada para com a minha mulher. E até mesmo de violência física. Os

bichos, é claro, sentiam a mudança da minha índole. Não apenas os negligenciava, mas os maltratava. Em relação a Pluto, porém, eu ainda guardava estima suficiente para me impedir de lhe aplicar as sevícias que sem escrúpulos infligia aos coelhos, ao mico e até mesmo ao cachorro quando, por acidente ou afeição, cruzavam o meu caminho. Mas a minha doença se apoderou de mim — afinal que doença se compara ao Álcool?! — e por fim até Pluto, que começava a ficar velho, e por conseqüência um tanto rabugento, até ele passou a sofrer os efeitos do meu mau humor.

Uma noite, muito embriagado, voltando para casa de uma das minhas rondas pela cidade, achei que o gato me evitava. Agarrei-o e ele, apavorado com a violência, infligiu-me com seus

dentes uma pequena ferida na mão. Imediatamente, fui possuído pela fúria de um demônio. Já não me reconhecia. Era como se a minha alma original tivesse de repente abandonado o corpo e uma maldade mais que diabólica, movida a gím, fizesse estremecer cada fibra da minha carcaça. Tirei um canivete do bolso do casaco, abri a lâmina, segurei o pobre animal pela garganta e, num ato deliberado, arranquei um dos seus olhos! Ruborizo, queimo e estremeço enquanto escrevo essa atrocidade abominável.

Quando a razão voltou com a manhã — quando o sono me recuperou da depravação da minha fúria noturna —, senti um misto de horror e remorso pelo crime de que era culpado; mas foi, na melhor das hipóteses, um sentimento débil e ambíguo, e a alma permaneceu incólume.



AMARREI UM LAÇO EM TORNO DO SEU PESCOÇO...

Mais uma vez mergulhei no excesso e logo afoquei no vinho toda memória do meu ato.

Nesse meio tempo, o gato se restabeleceu aos poucos. É verdade que a órbita do olho perdido tinha um aspecto medonho, mas ele já não parecia padecer de nenhuma dor. Andava pela casa como de costume, mas, como seria de esperar, fugia em desabalado terror à minha aproximação. Ainda restava em mim algo do meu velho coração, de modo que de início sofri com tal rejeição por parte de uma criatura que outrora tanto me amara. Mas foi um sentimento que logo cedeu à irritação. E então surgiu, como que para a minha ruína final e irrevogável, o espírito da PERVERSIDADE. Desse espírito a filosofia não diz nada. E contudo não tenho tanta certeza da existência da minha alma quanto tenho de que

o espírito da perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano — uma das faculdades ou sentimentos primários e indivisíveis que norteiam o caráter do Homem. Quem nunca se viu cometendo um ato vil ou estúpido, centenas de vezes, unicamente por saber que não devia cometê-lo? Não temos uma propensão perpétua, a despeito do nosso melhor juízo, a violar o que é *Lei*, simplesmente por sabê-lo tal? O espírito da perversidade, como eu disse, veio para a minha ruína derradeira. Foi esse desejo insondável da alma de *se torturar* — de violentar a sua própria natureza, de fazer a coisa errada simplesmente por ser errada — que me impeliu a continuar e por fim a consumir a injúria que infligira ao bichano inofensivo. Certa manhã, a sangue frio, amarrei um laço em torno do seu

pescoço e o pendurei no galho de uma árvore — e o fiz com lágrimas escorrendo dos olhos e o mais amargo dos arrependimentos no coração. Enforquei-o *porque* sabia que ele me amara, *porque* sentia que não tinha me dado nenhuma razão para agredi-lo, *porque* sabia que, ao fazê-lo, estava cometendo um pecado, um pecado mortal que não só punha a imortalidade da minha alma em risco, mas seria capaz de mandá-la — se é que isso era possível — para além do alcance da misericórdia infinita do Mais Piedoso e Mais Terrível dos Deuses.

Na noite do dia em que este ato cruel foi cometido, acordei com alguém gritando "Fogo!". As cortinas da cama estavam em chamas. A casa inteira queimava. Foi com grande dificuldade que minha mulher, um empregado e eu

conseguimos escapar das labaredas. A perda foi total. Com todos os meus bens mundanos engolidos, me resignei desde então ao desespero.

Estou acima da fraqueza de procurar estabelecer uma relação de causa e efeito entre o desastre e a atrocidade. Mas relato uma cadeia de acontecimentos e não desejo omitir nenhum elo. No dia seguinte ao incêndio, visitei as ruínas. As paredes, à exceção de uma, tinham desabado. A exceção era uma divisória não muito grossa que ficava mais ou menos no meio da casa e contra a qual se apoiava a cabeceira da minha cama. O reboco tinha em grande parte resistido ao fogo, o que atribuí ao fato de ter sido recentemente aplicado. Uma multidão se aglomerava em torno dessa parede, e muitas pessoas pareciam examinar com grande cuidado

e atenção um certo detalhe. As palavras "estranho!", "singular!" e outras expressões similares excitaram a minha curiosidade. Aproximei-me e vi, como que gravado em *baixo-relevo* sobre a superfície branca, a figura de um *gato* gigantesco. A impressão era de uma verossimilhança realmente assombrosa. Havia uma corda no pescoço do animal.

Quando deparei com essa aparição — já que não conseguia vê-la de outra forma —, o meu espanto e o meu terror foram extremos. Mas por fim a reflexão veio ao meu auxílio. Lembrei que o gato fora enforcado num jardim adjacente à casa. Com os gritos de incêndio, o jardim foi imediatamente tomado pela multidão e alguém deve ter cortado a corda da árvore e atirado o gato no meu quarto, por uma janela



A FIGURA DE UM GATO GIGANTESCO...

aberta, provavelmente no intuito de me acordar. A queda das outras paredes comprimiu a vítima da minha crueldade contra o reboco recém-aplicado, de modo que a cal, sob as chamas, combinada com o *amoníaco* da carcassa do bicho, produzira o retrato que eu via.

Ainda que assim eu satisfizesse prontamente a razão — para não falar na totalidade da consciência — quanto ao fato surpreendente que acabo de descrever, nem por isso ele deixou marcas menos indeléveis na minha imaginação. Por meses, não consegui me livrar do fantasma do gato; durante esse período, voltou ao meu espírito um ressaibo que parecia remorso, mas não era. Cheguei até a lamentar a perda do animal e a procurar à minha volta, nos antros desprezíveis que agora eu costumava



O FANTASMA DO GATO...

frequêntar, outro bicho de estimação da mesma espécie, e de aparência algo similar, para substituí-lo.

Certa noite, já um pouco entorpecido num covil mais do que infame, minha atenção foi subitamente atraída por um objeto preto que repousava sobre o tampo de um imenso barril de gím ou de rum, que constituía a principal mobília do ambiente. Eu vinha fitando o tampo daquele barril fazia alguns minutos, e o que agora me causava espécie era o fato de não ter percebido antes aquele objeto. Aproximei-me e o toquei. Era um gato preto muito grande, tão grande quanto Pluto, e absolutamente parecido com ele em todos os aspectos, menos em um. Pluto não tinha um único pêlo branco em nenhuma parte do corpo, mas esse gato tinha uma



TÃO GRANDE QUANTO PLUTO...

mancha branca e grande, embora irregular, cobrindo-lhe quase a totalidade do peito.

Assim que o toquei, ele logo se levantou, ronronou sonoro, se esfregou na minha mão e pareceu encantando com a atenção que eu lhe dava. Era esta, então, a criatura que eu tanto procurava. Logo me dispus a comprar o animal do proprietário do lugar, mas este não reivindicou nada, disse que nada sabia do gato, nunca o tinha visto antes.

Continuei as minhas carícias, e quando me preparei para ir para casa, o animal demonstrou disposição de me acompanhar. Permiti que o fizesse, ocasionalmente me inclinando para afagá-lo conforme avançava. Ao chegar, imediatamente se sentiu em casa e tornou-se uma das predileções de minha mulher.

Quanto a mim, logo passei a sentir uma aversão crescente a ele. Foi justo o oposto do que tinha previsto; não sei como nem por quê, mas o seu evidente apego a mim me desagradava e me aborrecia. Pouco a pouco esses sentimentos de repugnância e irritação elevaram-se à amargura do ódio. Eu evitava a criatura; um sentimento de vergonha e a lembrança do meu ato prévio de crueldade me impediam de atacá-lo. Por algumas semanas, não bati nele nem o maltratei; mas gradualmente — muito gradualmente — passei a olhá-lo com uma abominação indizível e a escapar em silêncio à sua presença odiosa, como a um hálito pestilencial.

O que sem dúvida aumentou o meu ódio pelo bicho foi a descoberta, na manhã depois de tê-lo trazido para casa, de que ele, como

Pluto, também perdera um dos olhos. Essa circunstância, porém, apenas o tornou ainda mais querido de minha mulher, que, como eu já havia dito, possuía em alto grau aquela humanidade de sentimentos que outrora fora meu traço característico e a fonte de muitos dos meus prazeres mais puros e simples.

Com a minha aversão ao gato, entretanto, a predileção do animal por mim parecia aumentar. Seguia os meus passos com tal pertinácia que seria difícil fazer o leitor compreender. Sempre que eu me sentava, ele se aninhava debaixo da minha cadeira, ou pulava sobre os meus joelhos, me cobrindo de carícias repugnantes. Se eu me levantava para andar, ele se enroscava entre os meus pés, de modo a quase me derrubar, ou então cravava suas garras longas e afiadas na minha

roupa, para dessa maneira subir até o meu peito. Nessas ocasiões, embora desejasse aniquilá-lo de um só golpe, ainda assim eu me continha, em parte pela memória do crime anterior, mas sobretudo — é preciso confessá-lo de uma vez — por absoluto *pavor* da besta.

Esse pavor não era propriamente o medo de um mal físico — embora não consiga defini-lo de outra maneira. Tenho quase vergonha de confessar — sim, mesmo nesta cela de criminoso, tenho quase vergonha de confessar — que o terror e o horror que me inspirava o animal foram exacerbados por uma das quimeras mais simples que se pode conceber. Minha mulher chamara a minha atenção mais de uma vez para o caráter da marca de pêlo branco da qual já falei e que constituía a única diferença visível

entre a estranha besta e a outra que eu havia matado. O leitor recordará que essa marca, embora grande, era originalmente irregular; mas, passo a passo — a passos quase imperceptíveis, e que por muito tempo minha razão lutou para rejeitar como produto da imaginação —, ela acabou por assumir um contorno rigorosamente nitido. Era agora a representação de um objeto cujo nome me dá arrepios só de pronunciar — e por isso, sobretudo, eu o abominava e temia, e teria me livrado do monstro, *tivesse eu a coragem* —, era agora, como vinha dizendo, a imagem de uma coisa hedionda, de uma horripilante *FORÇA!* Ó, lúgubre e terrível instrumento do Horror e do Crime, da Agonia e da Morte!

E agora me via de fato desgraçado para além da desgraça da mera Humanidade. E uma *besta*

irracional — cujo camarada eu insolentemente destruíra —, uma *besta irracional* vinha me impor — a mim, um homem criado à imagem do Altíssimo — tamanho e intolerável infortúnio. Pobre de mim! Nunca mais, fizesse dia ou fizesse noite, conheci a benção do descanso! De dia, a criatura não me deixava só; e, à noite, de hora em hora, eu despertava sobressaltado de sonhos de medo inexprimível, para deparar com o hálito quente da *coisa* no meu rosto e seu vasto peso — um pesadelo encarnado que eu não podia dissipar — eternamente deitado sobre o meu *coração*!

O débil resquício de bondade que havia em mim sucumbiu sob os tormentos de tamanha pressão. Maus pensamentos se tornaram meus únicos confidentes — os mais sombrios e perversos

de todos os pensamentos. A rabugice habitual se transformou em ódio de todas as coisas e de toda a humanidade; ao passo que, diante dos súbitos, freqüentes e incontroláveis ataques de nervos aos quais agora me entregava cegamente, minha mulher conformada, pobre dela, continuava sendo a mais paciente das sofredoras.

Um dia, ela me acompanhou, a propósito de alguma atividade doméstica, ao porão do velho imóvel a que a pobreza nos havia confinado. O gato me seguiu pela escada íngreme e por pouco não me fez cair de cabeça, o que me exasperou até a loucura. Ergui um machado e, esquecendo, graças à ira, o temor infantil que até então retivera a minha mão, desferi contra o animal um golpe que, se aplicado como eu pretendia, teria se provado instantaneamente fatal.

Mas fui interrompido pela mão da minha mulher. Incitado por essa interferência a uma fúria mais do que demoníaca, liberei meu braço da mão dela e enterrei o machado no seu cérebro. Ela caiu morta na hora, sem dar um pio.

Consumado o homicídio medonho, me pus de imediato, e deliberadamente, a esconder o corpo. Sabia que não poderia removê-lo da casa, de dia ou de noite, sob o risco de ser observado pelos vizinhos. Muitos planos me passaram pela cabeça. A certa altura, pensei em cortar o cadáver em pequenos fragmentos e atear-lhes fogo. Depois, decidi-me a cavar uma cova no fundo do porão. Mais tarde, cogitei atirar o cadáver no poço do pátio — mas também podia empacotá-lo como mercadoria numa caixa e, seguindo os cuidados habituais, chamar um

carregador para levá-lo embora. Por fim concebi um expediente que me pareceu muito melhor do que todos os outros. Decidi emparedará-lo no porão, como os monges medievais, segundo dizem, faziam com suas vítimas.

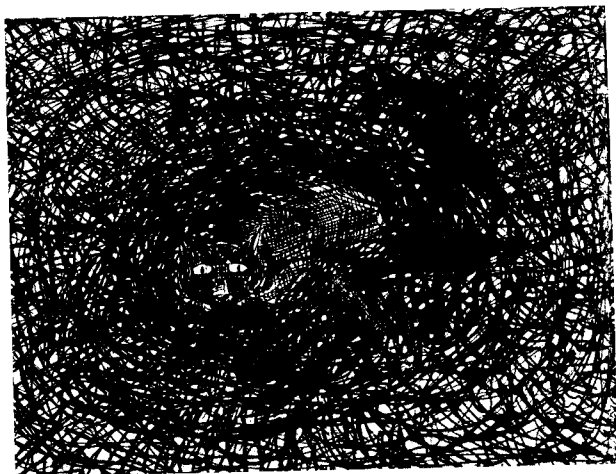
O porão era perfeitamente adequado a esse tipo de propósito. As paredes tinham sido construídas de maneira negligente e revestidas recentemente de um reboco grosseiro, que a umidade ambiente impedia de secar. Para completar, numa das paredes havia uma saliência, criada por uma falsa chaminé ou fornalha que tinha sido coberta de alvenaria para ficar igual ao resto do porão. Não me restavam dúvidas de que podia facilmente retirar os tijolos dessa área, inserir o cadáver e reerguer a parede como antes, de modo a que

nenhum olhar pudesse detectar nada suspeito.

E nesse cálculo eu não me enganei. Com o auxílio de um pé-de-cabra, desloquei facilmente os tijolos e, tendo acomodado o corpo com todo o cuidado no interior da parede, mantive-o naquela posição enquanto, sem maiores esforços, refazia toda a estrutura como dantes. Depois de obter argamassa, areia e fibra, preparei com a maior precaução um reboco que não se distinguisse do antigo e com ele cobri cuidadosamente os novos tijolos. Ao terminar, dei-me por satisfeito com o resultado. A parede não apresentava o menor vestígio de alteração. Recolhi o lixo do chão com o maior cuidado. Olhei em volta, triunfante, e disse a mim mesmo: "Ao menos aqui, afinal, meu trabalho não foi em vão".

O próximo passo era procurar o bicho que fora a causa de tanta desgraça; pois agora eu estava firmemente decidido a matá-lo. Tivesse conseguido encontrá-lo ali, não haveria dúvida quanto ao seu destino; mas ao que parecia o astucioso animal se alarmara com a violência da minha cólera anterior e preferiu não se expor diante de meus humores àquela altura. É impossível descrever ou imaginar a profunda e jubilosa sensação de alívio que a ausência da criatura detestada produzia no meu coração. Ela não apareceu durante a noite; e assim, ao menos por uma noite desde o seu ingresso na casa, dormi tranqüila e profundamente; sim, *dormi*, mesmo com o peso do assassinato na alma.

Passaram-se o segundo e o terceiro dia, e nada do meu torturador. Mais uma vez, respirei



A BESTA MEDONHA...

como um homem livre. O monstro, aterrorizado, tinha fugido de casa para sempre! Já não teria que vê-lo! Minha felicidade era suprema! A culpa pelo meu ato atroz mal me perturbava. Fez-se alguma investigação, prontamente concluída. Uma busca chegou a ser impetrada – mas é claro que não havia nada a ser descoberto. Eu considerava garantida a minha felicidade futura.

No quarto dia depois do assassinato, apareceu em casa, muito inesperadamente, um grupo de policiais que deu prosseguimento a uma rigorosa investigação do local. Seguro, todavia, quanto à inescrutabilidade do meu esconderijo, não fiquei nem um pouco aflito. Os policiais me convidaram a acompanhá-los na busca. Não deixaram nenhum canto ou recesso inexplorado. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram ao

porão. Não senti o estremecimento de nenhum músculo. Meu coração batia com a calma de um cochilo inocente. Atravessei o porão de um lado ao outro. Cruzei os braços sobre o peito e vaguei tranqüilo de lá para cá e de cá para lá. Os policiais se deram por satisfeitos e se preparavam para ir embora. O regozijo do meu coração era grande demais para se conter. No meu êxito, eu ansiava por dizer uma palavra que fosse, para redobrar a certeza que tinham da minha inocência.

“Senhores,” eu disse afinal, quando subiam a escada, “fico feliz por ter aplacado as suas suspeitas. Desejo-lhes saúde a todos e lhes presto mais uma vez os meus cumprimentos. A propósito, senhores, esta é uma casa muito bem construída” — no desejo enlouquecido de ter o que dizer, eu mal sabia o que acabava de proferir —,

“eu diria mesmo que é uma casa *excepcionalmente* bem construída. Estas paredes — já estão de partida, senhores? — foram solidamente erguidas.” E então, no simples arrebatamento da bravata, bati com toda a força, com uma bengala que trazia na mão, justamente no lugar da parede atrás do qual se encontrava o cadáver da minha esposa adorada.

Que Deus me proteja e liberte das garras de Satanás! Bastou a reverberação dos meus golpes se dissipar no silêncio para que eu recebesse uma resposta do túmulo! Uma súplica, de início abafada e entrecortada, como o choro de uma criança, mas que logo se transformou num grito alto, longo e contínuo, totalmente anormal e inumano, um uivo, um guincho agudo e lúgubre, ao mesmo tempo de horror e de triunfo,

como só poderia ter se elevado do inferno, das gargantas consoantes dos condenados em sua agonia e dos demônios exultantes na danação.

Seria insensato falar dos meus pensamentos. Desfalecido, cambaleei até a parede oposta. Por um momento, o grupo na escada estacou, sob o efeito do pasmo e do terror. E no instante seguinte uma dúzia de braços resolutos já investiam contra a parede, que caiu em massa. O cadáver, coberto de sangue e em estado de decomposição avançada, permaneceu ereto diante dos olhos dos espectadores. Sobre a cabeça, com a boca vermelha aberta e o único olho flamejante, estava sentada a besta medonha cuja manha me induzira ao assassinato e cuja voz delatora me confiava ao carrasco. Eu havia emparedado o monstro dentro da tumba.

